
RECEPÇÃO TELEVISIVA: NOVOS E ANTIGOS VALORES ENTRE COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO AMAZONAS

MAYRA DE OLIVEIRA SÁ¹; PABLO OLÍMPIO VIEIRA ABREU²; BRUNO FUSER³

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS

Resumo: A partir dos referenciais teóricos da teoria da recepção e das mediações, este trabalho apresenta os resultados iniciais da pesquisa sobre a recepção televisiva em comunidades ribeirinhas das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, no Amazonas. A análise de entrevistas entre ribeirinhos identifica e discute as preferências e os valores presentes, segundo eles, na programação televisiva. Os resultados mostraram, entre outras questões, a preferência dos moradores dessas comunidades pelo telejornal, motivados pelo desejo da busca por informação, e críticas à influência das novelas, por causa de valores, a seu ver, por elas transmitidos. Mostram ainda afinidade por programas evangélicos e manifestam o desejo de produção de programas educativos e de conscientização para a comunidade em que vivem. Apoio: CNPq.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção Televisiva; Comunicação; Identidades Regionais; Amazônia

1. Introdução

Este artigo apresenta as primeiras análises desenvolvidas pela pesquisa “Comunicação e recepção televisiva: análise do fluxo televisivo em comunidades ribeirinhas das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, AM”⁴, que estuda a recepção em quatro comunidades no interior da Amazônia, pertencentes a duas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS). São elas: Boa Esperança e Nova Olinda (RDS Amanã), Canariá e Boca do Mamirauá (RDS Mamirauá).

¹ Estudante do 5º período de Jornalismo, UFJF; bolsista PIBIC/CNPq; e-mail: mayra.jorn@gmail.com.

² Estudante do 6º período de Jornalismo, UFJF; bolsista PIBIC/CNPq; e-mail: abreu.pablo@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto da UFJF. E-mail: bruno.fuser@ufjf.edu.br.

⁴ Também participou da pesquisa a jornalista Camila Doretto, ex-pesquisadora do IDSM, e Thiago Antonio de Sousa Figueiredo, pesquisador do IDSM, um dos coordenadores gerais do projeto.



As unidades de conservação (UC) são áreas territoriais com importantes características naturais e legalmente instituídas pelo Poder Público como prioritárias para conservação. Contam com um regime especial de administração e visam conservar os recursos naturais e a biodiversidade local, constituindo-se possivelmente na principal proposta dos governos para diminuir os efeitos da destruição dos ecossistemas no Brasil e no mundo.

Nessas áreas a presença da televisão é relativamente recente e ainda não há energia elétrica para a população. A energia que os ribeirinhos usam tanto para assistirem TV, quanto para outros aparelhos e utensílios eletrônicos é provida de um gerador, movido a combustível, que funciona geralmente das 16 às 22 horas.

O objetivo principal da pesquisa é estudar de que formas os moradores dessas comunidades interagem com um meio de comunicação específico, a televisão, que usualmente não tem como temática a realidade de tais localidades, nem difunde discursos e modelos culturais próprios a elas.

2. Os Ribeirinhos

As comunidades Boa Esperança, Nova Olinda, Canariá e Boca do Mamirauá são as comunidades escolhidas para o estudo, possuem 212, 124, 249 e 57 moradores respectivamente e situam-se na região do médio Solimões, no Estado do Amazonas. As duas RDS estão sob gestão do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), abrangem aproximadamente três milhões de hectares⁵ e estão administrativamente vinculadas aos municípios de Alvarães, Uarini, Maraã, Fonte Boa, Jutai, Barcelos, Coari e Codajás. Nas reservas estão localizadas 297 comunidades – 218 comunidades na RDS Mamirauá e 79 comunidades na RDS Amanã –, envolvendo uma população em torno de 15 mil moradores (FIGUEIREDO,

⁵ Semelhante à área da Bélgica, 30.528 km², ou seja, 3,05 milhões de hectares.



2009). A grande diferença das outras categorias de unidades de conservação é a possibilidade de permanência da população tradicional na área como forma de fiscalizar, conservar e manejar de forma sustentável os recursos naturais existentes, através da gestão participativa.

As comunidades de várzea, localizadas dentro dessas UC, se ressentem da falta de infra-estrutura básica, além de manterem uma grande distância do centro da cidade, dificultando o acesso a informações, ao comércio, a saúde, entre outros serviços e direitos. Os moradores estão sujeitos a períodos anuais de enchente, cheia, vazante e seca, o que lhes causa graves problemas de abastecimento de água e de acesso aos recursos naturais. Na época das cheias a subida do nível do rio desmancha as roças e a economia passa a girar em torno do que se conseguiu economizar como excedente de produção, dos salários (as poucas pessoas que os recebem), dos auxílios governamentais e da derrubada de madeira, atividade que é realizada mais para o interior, longe das margens dos rios. A renda durante a cheia reduz-se em 75%. Algumas famílias tentam acumular parte da produção, principalmente de farinha, para deixar reservada a esta época em que não é possível trabalhar com a agricultura. Já no período entre o plantio e a colheita, a pesca torna-se a alternativa de auto-sustentação e também de venda daqueles peixes mais procurados pelos centros regionais, que os compram nas comunidades.

Mas, apesar de todo esse isolamento, os moradores possuem televisores conectados a antenas parabólicas e que funcionam a partir da energia provida de geradores termoelétricos, ligados basicamente das 16h às 22h, horário considerado de maior audiência na televisão brasileira. A presença relativamente recente da televisão nessas comunidades, que contam com energia há poucos anos e de forma bastante restrita e irregular, é fator essencial para a realização de estudos como este, voltados para a relação e a importância de novos hábitos e de novas sociabilidades que se estabelecem a partir da recepção televisiva. Na maior parte do Brasil essa presença da televisão está consolidada há décadas.



Uma dimensão importante a ser considerada ao se pensar na vida dos ribeirinhos é a da economia doméstica, que, na região, concentra-se na casa: “em Mamirauá não há separação entre as 'unidades econômicas' e as 'unidades familiares’” (LIMA, s/d, p.2). A casa é o espaço de produção, circulação e consumo. O peixe com farinha, alimentação diária fundamental, é totalmente produzida no âmbito doméstico. “Uma refeição com macarrão, arroz, ou o consumo de um pacote de biscoito são excepcionais” (idem, p.19).

A renda é resultado da venda de produtos agrícolas (farinha e banana, principalmente), de peixes e de madeiras. Os salários recebidos, por exemplo, por professores e agentes de saúde, assim como as aposentadorias rurais e auxílios governamentais, também integram parte importante da renda de parte dos moradores. Verifica-se uma diferença relevante entre os moradores da várzea e os de terra firme: para estes a farinha de mandioca é o principal produto, enquanto que, para os varzeiros, é o pirarucu e a madeira.

Ainda em relação aos ribeirinhos, duas outras considerações de ordem geral devem ser feitas. Em primeiro lugar, não são índios, ao contrário do que muitas vezes os moradores de outras regiões possam pensar. São o que se denomina "caboclos". A referência ao termo caboclo geralmente evoca vários significados, muitas vezes relacionados a um estereótipo pejorativo para se referir a um grupo considerado inferior de algum modo. Mas historicamente o termo tem um significado mais amplo que abarca noções geográficas, descendências étnicas e relações sociais.

Considerando a dimensão geográfica, o caboclo é conhecido pelos brasileiros como um tipo característico da população rural da Amazônia, composto por uma miscigenação entre brancos e índios que vem desde a época colonial. A colonização da região, em contraste com a realizada no restante do país, tinha uma política de incentivo à integração dos índios, o que incluía escravizá-los, “civilizar” os mesmos e estimular casamentos mistos, pois a economia local dependia da mão de obra indígena.

Ainda assim, na região amazônica, o termo caboclo é também empregado para identificar pessoas que se encontram numa posição social inferior em relação àquela com que o locutor ou a locutora se identifica. Nesse sentido o termo é aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica (LIMA, 1999).

Outra observação de ordem cultural a ser considerada é a religiosidade presente no Norte do País. No Brasil, nos últimos anos houve um crescimento da diversidade religiosa. O perfil religioso da população brasileira tem se alterado a partir da década de 1980, com crescimento intenso dos evangélicos, em detrimento da Igreja Católica, embora os católicos ainda sejam grande maioria. Na Amazônia esse crescimento já ocorria anos antes, marcado pela presença dos pentecostais (JACOB, 2004).

Alguns fatores podem contribuir para isso. Em primeiro lugar, o Norte apresenta o maior índice de população por paróquia da Igreja Católica. São 25,4 pessoas para cada paróquia. É quase o dobro do índice da região Sul, por exemplo, que é de 14,6 (FERNANDES e PITTA, 2003). Isso reforça um dado levantado nas entrevistas junto aos ribeirinhos, de que os padres católicos não se fixam na região, enquanto os pastores evangélicos sim. Outro fator pode ser a proximidade do pentecostalismo com a religiosidade popular brasileira. De acordo com Ricardo Mariano (2008), ambas consistem na crença em Jesus, milagres, mitos bíblicos, demônios, pecados, curas e intervenções sobrenaturais. Esses fatores, entre um povo que guarda certo conservadorismo, pode se transformar em devoção e fé. O mesmo autor ainda diz que a exploração de certas questões sociais pode explicar o avanço pentecostal. Essas questões de que ele fala fazem parte do contexto de vida dos moradores das comunidades.

No momento, contudo, os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho tornam o Brasil terreno extremamente fértil para a prédica pentecostal. Tal contexto socioeconômico, po-

rém, não é o responsável por seu sucesso. A vulnerabilidade e o desespero de grandes contingentes populacionais, em especial das mulheres pobres e mais ainda das negras pobres, vítimas de discriminações de gênero e raça, sem dúvida facilitam seu trabalho e ampliam sua probabilidade de êxito. Mas seu sucesso proselitista não depende da existência de tais problemas em si mesmos, e, sim, justamente de sua elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com eles (MARIANO, 2008, p.4).

3. Metodologia

Esta pesquisa trabalha principalmente com os pressupostos dos conceitos de recepção e mediações desenvolvidos por Jesús Martín-Barbero (1987) e Guillermo Orozco-Gómez (1991). Partimos do pressuposto de que a recepção televisiva não é meramente impositiva e o espectador não assume uma posição passiva diante dos discursos. Ao contrário, ele pode resistir ou negociar com as mensagens que recebe pela televisão, uma vez que fatores relacionados aos referenciais de conhecimento de cada indivíduo tornam o processo de decodificação único e individual.

Para Martín-Barbero (1987, p. 207; trad.nossa), o campo das mediações "se acha constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma desde dentro o sentido do trabalho e a vida da comunidade". Já Orozco-Gómez (1991) se dedica bastante ao estudo das mediações, e propõe o modelo de mediações múltiplas: "No processo de recepção ocorrem diversas mediações: cognoscitivas, culturais, situacionais, estruturais e, sem dúvida, aquelas que se originam do próprio meio televisivo e da intencionalidade do emissor" (OROZCO, 1991, p.30; trad. nossa).

O trabalho de campo junto às comunidades ribeirinhas seguiu duas estratégias: 30 entrevistas semi-estruturadas, com a média de 50 minutos cada, e 63 questionários, com 31 per-

guntas, algumas delas abertas. Esse trabalho foi realizado no período de 2 a 15 de agosto de 2010 nas quatro comunidades citadas anteriormente - Boa Esperança, Nova Olinda, Canariá e Boca do Mamirauá.⁶ No entanto, este artigo refere-se a uma interpretação ainda parcial, a partir da análise de apenas 10 das 30 entrevistas, constituindo-se, portanto, em uma primeira aproximação em termos de interpretação e reflexão, e que deve ser assim considerada.

As entrevistas com os moradores, depois de transcritas, foram analisadas com base no método da análise de conteúdo, que pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Além dos segmentos de preferência pré-estruturados nas entrevistas (novela, jornal e futebol), apareceram em menor quantidade outros programas, como seriados, reality shows, filmes exibidos na tevê, desenhos animados, programas de variedades e educativos, e também o gosto por músicas e filmes evangélicos assistidos em DVD. Com base nisso, foram feitas tabelas com o objetivo de classificar os diferentes elementos, segundo critérios suscetíveis de fazer surgir algum sentido capaz de desfazer a confusão inicial (BARDIN, 1977). Nas tabelas os programas foram separados em categorias e dispostos os valores que os entrevistados atribuíam a cada um (positivos ou negativos), seguido de exemplos de falas dos moradores. Essa análise de conteúdo categorial permitiu:

(...) tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Isso pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando através de números e porcentagem, uma inter-

⁶ Nesses dias, os pesquisadores deslocavam-se de barco, diariamente, até as comunidades, a partir de bases de pesquisa do IDSM localizadas nas reservas. Do planejamento, com a elaboração dos roteiros e dos questionários, e dessa etapa de campo, com as viagens e realização das entrevistas, participaram Bruno Fuser, Thiago Figueiredo e Camila Doretto.



pretação que sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das categorias (...) bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente. (BARDIN, 1977, p.37)

Uma das principais intenções da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 1977). Essa inferência pode ser de dois tipos. Segundo Bardin (1977) ela pode ser realizada a partir da procedência (o emissor e a situação na qual ele se encontra) ou a partir do destinatário da comunicação. Esta pesquisa abordou o último tipo ao tentar explicar quem são e como vivem os moradores das comunidades ribeirinhas e ao inferir sobre os valores que eles atribuem aos programas.

A inferência varia de acordo com as condições de produção, pois fatores psicológicos, sociológicos e culturais, relativos à situação da comunicação ou à produção da mensagem também são variáveis importantes. Os procedimentos da análise de conteúdo podem ser bastante diferentes e não se findam com os primeiros estudos do analista. Pelo contrário, como diz Bardin (1977, p.34), “quanto mais o código se torna complexo, ou instável, ou mal explorado, maior terá de ser o esforço do analista, no sentido de inovação com vistas à elaboração de técnicas novas”.

As 10 entrevistas abrangem 16 moradores, entrevistados basicamente de duas formas: em cada comunidade se escolheram informantes-chave, aqueles moradores mais velhos ou que viviam há mais tempo no local, ouvidos quase sempre individualmente; de outro lado, foram entrevistados também moradores de sexo e faixas etárias diferentes, mas, estes, quase sempre em situação de grupo (com a esposa/marido, pais, filhos, etc.).

Estes são os entrevistados (identificados apenas pelas iniciais), que, quando não é indicado de outra maneira, trabalham com agricultura e pesca - mesmo quem tem outra atividade quase sempre possui também ao menos uma roça para fabricação de farinha de mandioca e

alguns outros produtos. A idade de alguns entrevistados é aproximada, pois não foi declarada ou não se conseguiu recuperar na gravação. Percebe-se a incidência em número bem mais expressivo de moradores da comunidade do Canariá, nesta primeira reflexão. Ainda assim, nas demais, leva-se em conta ao menos um informante-chave.

- Na comunidade do **Canariá**: F.M., 56 anos, evangélica, ex-doméstica na cidade de Tefé, onde morou após a morte do primeiro marido; F.P., 22 anos, evangélico, marido de F.M., ex-trabalhador braçal em Tefé; R., 46 anos, evangélica (informante-chave); A., 66 anos, evangélica, faz balaios, peneiras e tipitis (informante-chave); M.S., 36 anos, pastor evangélico, ex-vendedor; J.L., 40 anos, mulher do pastor, evangélica, técnica de enfermagem; Al., professora (informante-chave), aprox. 40 anos; A.M., 32 anos, evangélica, comerciante; N.C., 36 anos, evangélico, marido de A.M., comerciante; e A.C., 14 anos, filha de A.M.

- Na comunidade da **Boca do Mamirauá**: N., 68 anos, evangélica, faz colares e brincos (informante-chave); D., bisneta de N., aprox. 16 anos.

- Na comunidade de **Nova Olinda**: D.S., 59 anos (informante-chave), católico.

- Na comunidade de **Boa Esperança**: A.S., 53 anos (informante-chave), católica; D., professora, aprox. 30 anos; A., professor, marido de D., aprox. 30 anos.

O roteiro das entrevistas realizadas com os informantes-chave e com os demais moradores e famílias foi basicamente o mesmo, com algumas alterações, tendo em vista que os ribeirinhos mais antigos possuem uma memória diferenciada em relação à história de sua comunidade. Estes foram os principais temas desenvolvidos nas entrevistas:



- a relação com o trabalho, com as reservas de desenvolvimento sustentável, com outros locais onde viveu: o que faz, o que já fez na vida, o que gostaria de fazer, o que pensam das RDS, como vêem a vida nas cidades.

- o cotidiano da comunidade, em especial em relação à energia elétrica e à televisão: como era antes da chegada da energia elétrica, antes da televisão, as formas de interação social antes e depois da existência do gerador comunitário, as formas de uso da energia elétrica, a organização comunitária para manutenção do gerador, como as pessoas ficam sabendo das informações de seu interesse.

- o cotidiano da família, em especial em relação à televisão/DVD: a importância da TV/DVD na família/na casa, as formas de se assistir TV/DVD (na própria casa, no vizinho, em casa de parentes...), as eventuais mudanças nos relacionamentos e valores da família após a chegada da televisão/DVD, a escolha dos programas (quem escolhe), os programas preferidos (ou não) pelos diversos integrantes da família, a relação dos programas e da TV com a vida da família, o que os integrantes da família acham das novelas, dos noticiários, dos filmes, das músicas, o uso e a organização familiar em relação à energia elétrica.

- que tipo de programa os moradores gostariam de ver / de participar da produção.

4. A recepção televisiva

De maneira geral, quase todos os entrevistados assistem e possuem televisão, embora, algumas vezes, a preferência recaia sobre DVD. Estes, especialmente, por evangélicos, que desta maneira podem mais facilmente escolher aquilo que querem ver, pois, embora a Record (canal aberto cujo sinal as parabólicas das comunidades conseguem receber) seja uma emissora de propriedade do bispo evangélico Edir Macedo, da Igreja Universal, nem todos os programas são de cunho religioso.

Entre as mediações de referência, ou estruturais, a religiosa parece ser uma das mais significativas no processo de recepção televisiva da população ribeirinha. Isso transparece na ênfase e nos elogios feitos à programação evangélica, e, também, em valores tradicionalmente associados à igreja católica: indissolubilidade do casamento, monogamia, heterossexualismo, etc. Ou seja, a recepção se dá em grande parte mediada por valores tradicionais, conservadores, expressos de várias formas, em especial pelas mulheres mães de família, mas também pelos pais, e dificilmente pelos jovens. Entre os entrevistados, 75% dos que comentaram a categoria “Filme/DVD” disseram usar o aparelho para fins religiosos.

Lá nós coloca aqueles CDs... aqueles pequeninos, né. Assim pra passar na televisão pra gente assistir o pastor cantando, falando. (N., 68 anos)

Essa noite, essa minha morena que foi pra aí, ela assistiu um filme e chegou aqui dizendo: mamãe! O canal dos crentes está muito bonito ai! Ela disse: mamãe a senhora sabia que tem um pregador da palavra de Deus ali! Que foi lá no presídio mamãe!” (R., 46 anos)

Só assisto quando coloca um hino, aí eu vou assistir! (A., 66 anos)

Mais é desenho. Às vezes é desenho evangélico, tem as passagens dos antepassados da Bíblia. (A.C., 14 anos)

Porque a televisão ela tem todas as coisas boas. Tem a parte do horário evangélico, né! Tem outras partes, porque aí a pessoa só assiste o mal se quiser. (F.M., 56 anos)

Interessante notar que o percentual de quem disse gostar e aquele que expressou não gostar de novela é exatamente o mesmo, 33%; outros 33% não se manifestaram a respeito ou se mostraram indiferentes. Mas os comentários sobre as novelas mostram que a recepção desse tipo de programa ocorre através de uma moral extremamente forte, ou seja, a mediação de referência, aqui, parece ser relacionada à moral tanto religiosa, como àqueles valores tradicionalmente associados à população nordestina, de onde se originaram, em parte, e de forma miscigenada, os moradores das comunidades estudadas. Nada menos que 46% das falas sobre

novelas atribuem às mesmas uma "má influência" sobre quem assiste - inclusive em relação a evasão escolar.

Agora tem uma novela aí que está ensinando muita coisa feia. Eu ainda não assisti não, ainda nem ouvi. (...) A mulher já tá com o marido dela, mas vai com outro pra ali, fica parecendo assim, né! Isso aí é coisa que não interessa a gente ver” (N., 68 anos)

Novela não gosto de assistir! (...) Porque novela... aquelas mulheres ficam assim peladas, eu não gosto que os meninos assistam né! (R., 46 anos)

Porque foi uma decisão de não assistir mais, eu acho que começou a me atrapalhar na minha vida espiritual.” (J.L., 40 anos)

Não posso afirmar se houve desistência, mas havia sim a questão do aluno faltar um dia de aula ou um tempo de aula por questão de um programa que ele queria assistir, principalmente a novela. (D., aprox. 30 anos)

Ainda sobre a novela, foi possível perceber uma forte preocupação quanto à influência causada nos mais jovens. Os professores e algumas mães, por exemplo, relataram que muitas crianças que assistiam a novela “Mutantes”, da TV Record, começaram a imitar os personagens da trama, agindo como bichos, mordendo e beliscando os colegas. Mas essa influência não é atribuída apenas às novelas, e sim a TV de modo geral. Nas falas, os moradores relatam que, com a chegada da televisão, os jovens estão menos obedientes e mais violentos. A falta de obediência, o não respeito aos valores dos mais velhos, da família, são apontados não apenas como tendo sido causados pela televisão, como consequência dos "novos tempos".

A mediação cognoscitiva - aquelas que incidem no processo de conhecimento – fica evidente quando identificamos nas entrevistas as diferenças de valores expressos nas falas entre os que têm um nível de escolaridade maior (professores, o pastor e a técnica em enfermagem) e os que não têm. Os professores, por exemplo, citaram a minissérie JK, o noticiário e os programas humorísticos Toma Lá Dá Cá e Sai de Baixo como ferramenta de aprendizado ou forma de exemplos para os alunos estudarem. O pastor e a sua mulher disseram gostar de



documentários, pois consideram que tais programas têm algo a acrescentar às suas vidas, diferente das novelas.

Aí para eles saberem o quê que é, foi os exemplos, aí eu citei teatro de palco, é 'Sai de Baixo' que acontece isso, é programa ao vivo, com platéia assistindo, então isso foi a televisão que me deu suporte, então ela acabou influenciando bastante, o que ajudou eles entenderem direitinho. (D., professora, aprox. 30 anos)

A gente pegou a história de Juscelino Kubitschek contada na minissérie JK [...] era o período que estava passando a minissérie e em história a gente sempre está revivendo esses momentos da história do Brasil. (A., professor, aprox. 30 anos)

Num documentário eu aprendo alguma coisa e enriqueço o meu conhecimento, no jornal também, né. (M.S., pastor, 36 anos)

A mediação estrutural - sua situação de vida, do ponto de vista geográfico - é talvez reveladora dos motivos que levam os ribeirinhos a, de maneira quase unânime, gostarem de assistir noticiário: afinal, estão a muitas horas de viagem de uma cidade de porte médio, Tefé, que por sua vez está muitíssimo mais distante da capital do Estado do Amazonas, Manaus. Os jornais da televisão constituem-se, portanto, no vínculo dessa população com o restante do Estado, do país e do mundo, pois permitem, junto com o rádio, acessar informações que de outra forma dificilmente chegariam até eles. Vale ressaltar que nenhuma das quatro comunidades visitadas possui sistema regular de telefonia (não há cabos ou fios). Duas delas (Canariá e Nova Olinda) não possuíam nenhum sistema alternativo de telefonia (nem celular, pois o sinal não chegava até lá, nem por rádio ou satélite, e alguns equipamentos instalados pela Embratel estavam quebrados). Boa Esperança não recebe sinal de celular, mas o aparelho de telefone público da Embratel funciona (via satélite, a energia solar, das 10h às 16h); em Boca do Mimirauá chega o sinal de uma das operadoras de celular. Apenas Boa Esperança tem acesso a internet, em um único computador, na escola, que possui gerador e antena próprios. O acesso à internet é feito quase exclusivamente por professores da escola.

Mais da metade dos entrevistados disseram gostar de jornal (64% dos entrevistados gostam do noticiário, e 59% atribuem apenas valores positivos a esse tipo de programa). Mesmo que o conteúdo dos jornais que assistem (veiculados pelas redes Globo, Record e SBT) não esteja próximo da realidade dos mesmos, a importância de ficar informado parece ser relevante. É algo importante para “ficar sabendo o que acontece no mundo ou em outras cidades”, “ficar atualizado”, “porque mostra coisas que podemos aprender”, “ver a violência e o tráfico de drogas para entender e não fazer igual”. Apesar disso foram poucos os que conseguiram lembrar-se de um fato que eles assistiram ou identificar algum assunto veiculado que se relacionava com a própria vida.

Previsão do tempo, como que vai ficar na semana, como é vai correr... é tudo assim. E ver as notícias dos acontecimentos, né, da cidade, Manaus. (F.M., 56 anos)

O jornal que eu gosto de assistir pra gente ficar sabendo do que está acontecendo. (R. 46 anos)

A única programação que assistimos na televisão só é mesmo os jornais. (J.L., 40 anos)

A gente fica atualizado, sabendo do que está acontecendo, porque aqui nós estamos praticamente, vamos dizer que estamos aqui isolados. (M.S., 36 anos)

O jornal eu gosto porque a gente sabe de muitas notícias por aí. Eu só não gosto de assistir o jornal de notícias que tem essas mortes que tem por aí, esses terror que tem por aí, essas tempestades. (A.S., 53 anos)

Apesar desse caráter informativo e de se constituir como forma de as comunidades terem acesso ao que acontece no restante do país, a televisão não traz informações sobre as localidades, quase nada sobre o Estado e mesmo sobre o Norte do País. Conectadas por antena parabólica, a programação dos jornais é a mesma do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Programas como os de ecologia, documentários, agricultura ou outros assuntos relacionados aos modos de vida das comunidades foram lembrados pouquíssimas vezes, associados ao conteúdo jornalístico ou ao Globo Repórter, da TV Globo. Quem consegue trazer às comunidades informações de interesse mais próximo é ainda o rádio, através de ondas curtas, emitido prin-



principalmente a partir de Tefé e Manaus. Um dos programas mais ouvidos pelas comunidades é de uma emissora de Tefé, que divulga "avisos" dos moradores das comunidades quando estão naquela cidade, ou de seus parentes, mandando recados, informando sobre questões de saúde, de trabalho, de cotidiano - por exemplo, dizendo em que barco e em que dia irão voltar de Tefé para as comunidades.

Uma das questões mais importantes que foi possível perceber em relação à recepção televisiva é de que tipo de programa os moradores dessas comunidades sentem falta, e, mais especificamente, qual assunto eles abordariam se tivessem a oportunidade de produzirem um vídeo ou programa de televisão para ser exibido na comunidade. Quase todos (92%) falaram que gostariam de tratar de assuntos educativos, como, por exemplo, ensinar jovens sobre temas relativos a drogas e gravidez precoce, temas como preservação ambiental (destino correto do lixo e aquecimento global). Houve ainda sugestões de produção de vídeos de incentivo aos estudos e programas que mostrem as dificuldades e problemas que as comunidades ribeirinhas enfrentam, devido a falta de estrutura.

...falar sobre as menores de 14 anos para não andar se envolvendo com tantas coisa, pra não engravidar, essas coisa aí." (A.C., 14 anos)

O principal assunto seria assim as meninas, como em todo lugar né, mas elas engravidam muito cedo e isso é preocupante. Nós temos uma congregação aqui em cima onde as meninas passaram a ter marido com 9 anos, 10 anos, ficou grávida com 10 anos, quase com 11. (J.L., 40 anos)

No momento, diante do que está acontecendo, questões ambientais, problemas ambientais, o aquecimento global, o desmatamento, seria um ponto importante para a gente trabalhar. (A., 66 anos)

A questão do meio ambiente e do próprio lixo que acaba interligando a questão dele, a questão do ambiente, acaba caminhando uma coisa com a outra. (D., aprox. 30 anos)

Ah. Eu vejo assim mais em relação às crianças sabe? A importância dos estudos para a vida deles, porque aqui é uma comunidade que a gente não vê as crianças motivadas para estudar. (Al., aprox. 40 anos)

É sobre a melhoria da comunidade, do trabalho né! Isso aí podia montar assim um trabalho pra ajudar a todos os comunitários. (F.M., 56 anos)

Eu gostaria de mostrar aqui é... para o governo dar uma olhada para as pessoas mais carentes... quem não tem nem onde morar. Essa situação toda. A casa caindo, o temporal vem e acaba tudo. Não tem dinheiro e aí... É isso, né! (F.P., 22 anos)

No interior também. Os jornalista tem que mostrar o interior também, o que acontece nas comunidades, a situação do povo nas comunidades, o sofrimento, né?! É muita coisa! Tem que mostrar o interior também, não só a cidade. (A.M., 32 anos)

5. Comentários Finais

Em primeiro lugar, há que se ressaltar uma questão geral: apesar da precariedade de infra-estrutura e das condições de vida, os moradores mostraram não ser receptores passivos a tudo que lhes é exibido por meio da TV. Pelo contrário, escolhem e formam opinião sobre o que assistem. A religião, em especial o pentecostalismo, mostrou-se forte entre os moradores, que através do aparelho de DVD ou de canais religiosos acompanham a tendência evangélica de usar mecanismos audiovisuais como aparato para a fé.

Valores associados à influência da TV e sua relação com a mudança na conduta entre os jovens, evasão escolar e violência mostram a importância da TV na vida dos ribeirinhos, que rejeitam, preferem, imitam ou são atraídos pela televisão. Mas ela não foi recebida da mesma forma por todos os moradores. Aqueles com níveis de escolaridade maiores apontam para outro uso da TV, indicando programas diferenciados em relação aos demais entrevistados.

Destacaram-se três pontos na análise das entrevistas dos moradores das comunidades ribeirinhas: a) a questão do favoritismo por jornal acompanhado por certa repulsa a novela; b) o gosto por conteúdos evangélicos; e c) o desejo de produzir programas educativos e de conscientização para a comunidade em que vivem. Esses três aspectos da recepção televisiva,



compartilhados pela maioria dos entrevistados, revela que a tevê e os programas televisivos possuem grande importância na vida dos moradores, atuando como exemplo de comportamento social nessas comunidades.

A postura negativa em relação às novelas gera um receio, por parte em especial das mulheres que são mães, que seus filhos ou parentes mais jovens imitem maus comportamentos que, para elas, são mostrados nas novelas (desobedecer aos mais velhos, traição e violência). O bom exemplo de conduta é encontrado nos DVDs e programas evangélicos, o gosto por esse conteúdo vai além da opção religiosa dos entrevistados, é uma forma de contribuição na educação dos filhos. Ao condenar na TV a veiculação de valores como sexualismo, traição entre casais, a ambição, dentre outros, os ribeirinhos reforçam a cultura conservadora de seus pais e avós caboclos e nordestinos. Ao mesmo tempo revelam certo poder de crítica através da capacidade de julgar o conteúdo que está diante de seus olhos.

Já o jornal é visto positivamente, pois atua como um veículo que traz informação e também aprendizado. Desse modo, tudo que é mostrado é confiável e importante para inserir e deixá-los mais próximos do Estado, do país e do mundo onde vivem, uma vez que a principal característica das comunidades ribeirinhas é certo isolamento, devido ao difícil acesso a transporte (feito apenas por barcos) e comunicação (carência de telefone, internet).

Os ribeirinhos vivem com falta de infra-estrutura básica, são poucas as comunidades rurais que possuem posto de saúde, saneamento, energia elétrica, abastecimento de água e escolas. O fato de desejarem produzir programas para a comunidade que tratem de assuntos educativos também pode ser explicado pela importância da tevê como um instrumento de disseminação de aprendizado e educação, já que muitas vezes faltam escolas. Assuntos como conscientização dos jovens (que, em outras regiões, são temas de campanhas do sistema de saúde) e a preocupação com o meio ambiente atingiria mais pessoas se fossem mostrados na televisão.



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

Para eles tudo que é mostrado nas telas, de alguma forma, acaba interferindo e movimentando quem assiste. Outro exemplo disso é a vontade que alguns moradores demonstraram em produzir vídeos que retratassem as dificuldades da rotina dos moradores de áreas rurais do Amazonas, pois dessa forma os governantes poderiam ser motivados a darem mais atenção à difícil realidade em que vivem.

O relativo isolamento dessas comunidades faz com que a televisão tenha um papel primordial como instrumento de informação, aprendizado e conhecimento. O poder de alcance e importância dos conteúdos da TV ficam evidentes quando os ribeirinhos se sentem incomodados com determinados comportamentos vistos nas novelas e também quando propõem programas educativos para serem assistidos na comunidade. O fato de gostarem mais de um programa ou menos de outro revela a consciência crítica dos moradores. Dessa forma, eles separam e percebem, cada um deles, valores, religião e modos de vida, o que vale ser seguido e inserido em seus cotidianos e o que não vale, a partir de critérios pessoais, familiares e comunitários.

Por fim, é interessante dizer algo mais sobre a presença da televisão entre os ribeirinhos. Apesar da pouca proximidade entre o conteúdo exibido e os modos de vida dos mesmos, eles assistem e gostam da televisão. Muitos tiram do próprio bolso, do pouco que recebem, para comprar o diesel - que na região custa em média de três a quatro reais o litro - que faz o motor de luz funcionar. Depois da TV a vida nas comunidades mudou, fato comentado na maioria das entrevistas. Resta agora saber como foi essa mudança, bem como o seu impacto nas reservas e nas vidas dos moradores do Mamirauá e Amanã.



Referências Bibliográficas

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1977.
- FERNANDES, Sílvia; PITTA, Marcelo. **Presença da Igreja na Amazônia**. 2003. Publicado em: http://www.amazonianet.org.br/index.php?system=news&news_id=243&action=read. Acessado em: 12/12/2010.
- FIGUEIREDO, Thiago Antônio. **A Voz da Selva: Comunicação para o Desenvolvimento**. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) – Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- FIGUEIROA, Ana Cláudia. **Presença religiosa na Amazônia**. 2002. Publicado em: http://www.amazonia2002.de/Porto_Velho/Ana_Claudia_Figueroa/Presenca/presenca.html. Acessado em: 12/12/2010.
- JACOB, César Romero. A diversificação religiosa. **Estudos Avançados**. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004. Publicado em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a02v1852.pdf>. Acessado em: 12/12/2010.
- LIMA, Deborah de Magalhães. **A Economia Doméstica em Mamirauá**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM [relatório; s/d]
- LIMA, Deborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural Amazônico. **Novos Cadernos do Naea**, V.2, N.2, 1999.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da religião**. Dezembro, 2008. p. 68-95. Publicado em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acessado em: 12/12/2010.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. México : Gustavo Gilli, 1987.
- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Del acto al proceso de ver televisión; una aproximación epistemológica. Em OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Recepción televisiva; tres aproximaciones y una razón para su estudio. **Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales**, n.º 2. México: Universidad Iberoamericana, 1991. Pag. 27-40.